



album

vik muniz

galeria

nara roesler



album: couple, 2014 -- c-print digital/digital c-print -- edição de 6/edition of 6 -- 185 x 180 cm

**vik muniz**

## **álbum, postal e sampler**

**raul mourão**

*Há uma ótima loja de queijos na First Avenue, à qual eu vou com uma frequência razoável, o suficiente para notar que a pessoa atrás do balcão nunca expõe um queijo sem antes cortar um oitavo dele. Quando perguntei por que ele fazia isso, ele respondeu bruscamente: “É óbvio... Se eu não cortar, ele não se parece um queijo.”*

Vik Muniz (Extrato do texto “Surface Tension”, originalmente publicado em Parkett, No. 46, 1996)

Visita ao ateliê do Brooklyn - Na antessala do ateliê, o verso do chassi da Mona Lisa repousa no canto; ao lado, uma pequena foto do próprio Vik sozinho no Louvre segurando o original de Leonardo da Vinci. Sobre um pedestal branco há outra Mona Lisa, a obra chama-se *Souvenir Gioconda*, do artista italiano Fabio Viale. É uma escultura que parece feita de pequenas bolinhas de isopor, mas, na verdade, foi toda esculpida em um único bloco de mármore. Passo os olhos pelos livros da enorme estante e separo os que falam sobre a obra de Vik. No pequenino *Natura Pictrix – Interviews*

*and Essays on Photography* descubro o texto “Mirrors; Or, How to steal a masterpiece” em que Vik descreve uma fila sem fim de pessoas com câmeras coladas ao rosto, tirando fotos da *Mona Lisa* de Leonardo. “Como num teste oftalmológico, cada fotografia vai avaliar a relação entre o fotógrafo e o objeto. Centenas de milhares de fotografias são feitas aqui todo o ano e, de fato, o objeto sorri diferentemente em cada uma delas. Por causa do reflexo do vidro protetor, é impossível fotografar a Mona Lisa sem se fotografar a si mesmo. Uma impossibilidade que acaba criando a forma mais



postcards from nowhere: cable car, 2014 -- c-print digital/digital c-print  
-- edição de 6/edition of 6 -- 180 x 290 cm

bizarra de autorretrato.”

Erika abre a porta do ateliê e me deparo com pilhas de fotos espalhadas pelo chão e sobre as mesas. São milhares de fotos de álbuns de família e cartões postais que Vik vem comprando nos últimos anos em leilões online. Um bebê sorridente, a escola, a sala de aula, uma criança de calça curta, a primeira comunhão, o acampamento, a namoradinha, a casa, o carro novo, uma mulher sentada num canhão, outra observando a paisagem, um pescador com vara e peixe. Por um instante todas as famílias me parecem iguais. Todo álbum se parece com o próximo. O ritmo da vida daquelas pessoas era lento.

Penso na comunicação entre os homens por meio de imagens e nas ideias de Décio Pignatari. No desaparecimento da foto de papel, na desmaterialização da imagem e do som. Na minha coleção de CDs que não tocam mais, lojas de discos desaparecendo pelo planeta, a volta da onda do vinil, o colecionador Zero Freitas e sua obsessão. As livrarias fechando suas portas, o fim do livro, do jornal, da revista. As redes sociais. Tudo hoje é informação digital o tempo todo. Tudo vai desaparecer. Os objetos/coisas já falam entre si. A vida é veloz.

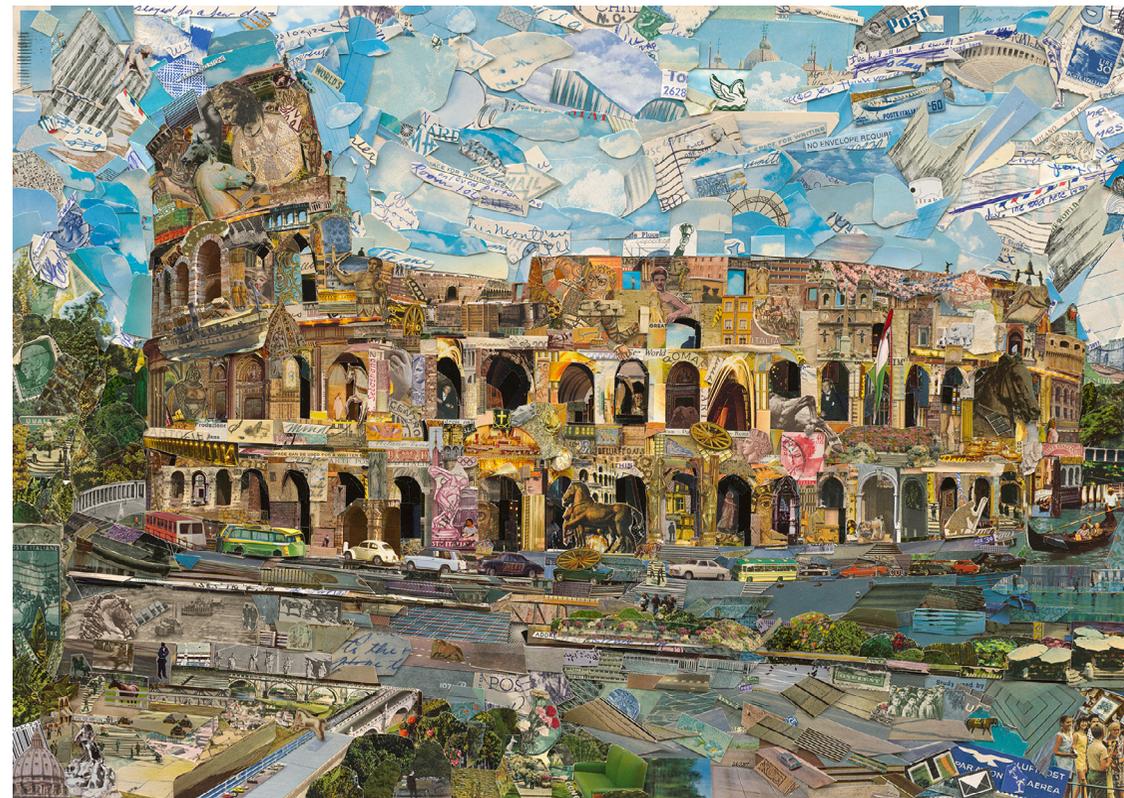
Vik entra pelo Skype e começamos uma conversa. As fotos estavam indo para o lixo e, agora, cada uma delas será digitalizada e catalogada num banco de dados de acordo com suas características e procedência. Depois, numa pequena folha de papel, centenas de pedaços de fotos são colados como num mosaico, reconstruindo as imagens que caminhavam para o desaparecimento. É um trabalho manual, Vik gasta quase 30 dias para construir cada imagem, organizando pacientemente áreas de cor no plano. Nas paredes do ateliê estão as 11 grandes fotos da exposição. São imagens ao mesmo tempo toscas e doces, atraentes e agressivas. “A colagem não é impecavelmente realizada, há uma mão brasileira por trás, os chineses certamente fariam melhor”, diz Vik. A menina da banda do colégio, o bondinho, o homem no camelo, o Coliseu, o casal abraçado,

duas girafas, a bicicleta nova, o pescador, a mulher no deserto, a Estátua da Liberdade, a praia. Tudo está carregado de afeto. O álbum e o postal. Dois momentos da história da fotografia onde imagens invadiram a vida das pessoas de forma contundente. Num álbum, a família organizava sua história, documentava seus momentos, depositava sentimentos. No postal, comunicávamos nosso deslocamento no espaço (cheguei), a conquista de um território (estou aqui) e também sentimentos (sinto saudades).

O nascimento da obra de Vik se dá simultaneamente à popularização do sampler na música pop, eletrônica e hip hop dos 80/90. O sampler é um gravador eletrônico que armazena trechos de áudio para serem reproduzidos e/ou reprocessados, criando novas e complexas melodias, padrões rítmicos ou efeitos. Volto para casa ouvindo *Paul's Boutique* dos Beastie Boys, *3 Feet High and Rising* do De La Soul e *Endtroducing* do Dj Shadow (o primeiro disco inteiramente feito com pedaços de outras músicas). Imagens e sons invadem a cabeça. As fotos do álbum de Vik são quebradas, feitas de pequenas partes. Fragmentos de informação vibrando na superfície. Colcha de retalhos digitais. Um jogo de cortar e colar em que a leitura da imagem se dá por meio da parte e do todo. Cut and paste.

Penso na folha e na floresta. Na conexão direta entre a obra de Vik e o pop de Warhol. Não há antropofagia no sampler de Vik, ele procura seus iguais no arquivo da cultura, captura e gera um novo elemento no acúmulo das coisas do mundo. Lembro do último encontro com o médico dos meus olhos e ele explicando “quem vê é o cérebro, o olho recebe a luz que se transforma em impulso elétrico, que é levado para o cérebro pelo nervo óptico e lá vira imagem.” Ao recriar imagens com as quais temos enorme intimidade, Vik nos joga dentro delas. Agora eu também sou um pedaço. Uma pequena parte. Todos somos iguais e diferentes.

Raul Mourão, setembro de 2014



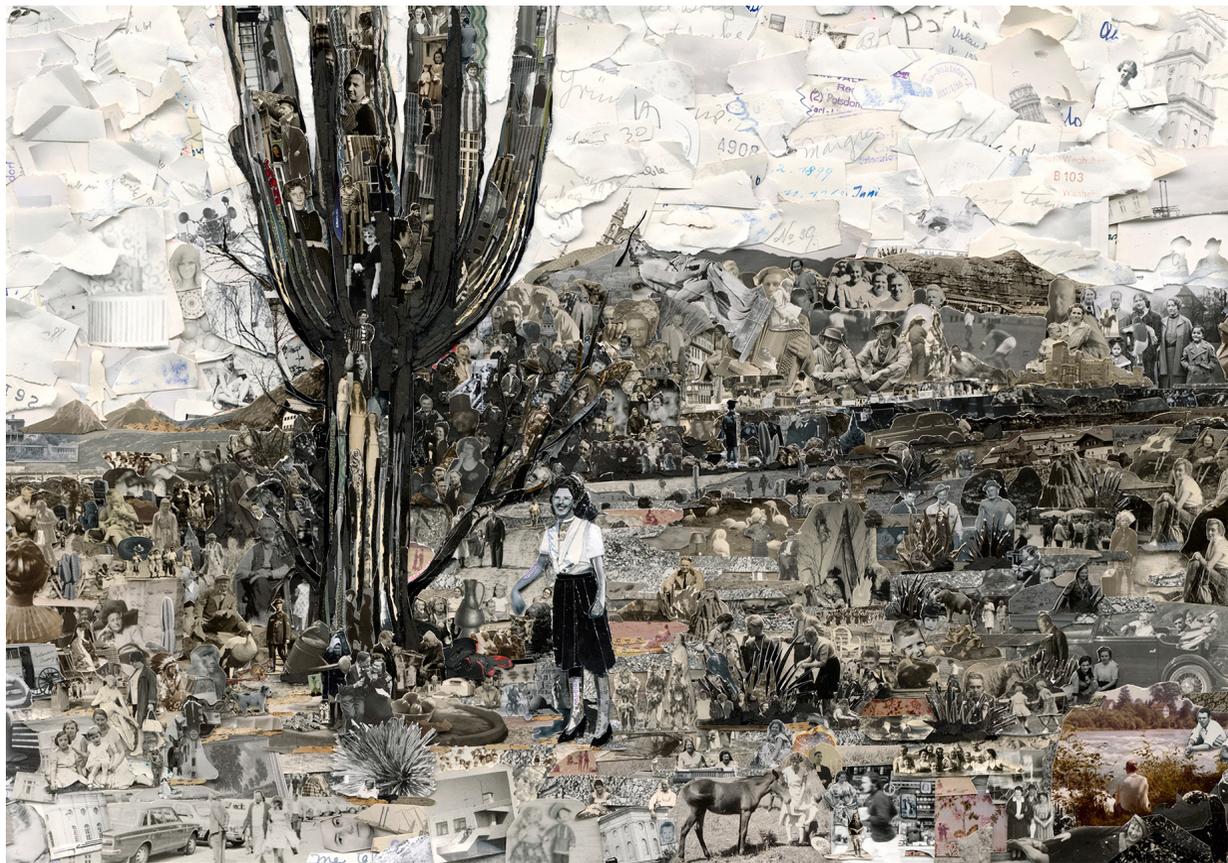
postcards from nowhere: rome, 2014 -- c-print digital/digital c-print -- edição de 6/edition of 6 -- 100 x 145 cm



album: new bicycle, 2014 -- c-print digital/digital c-print -- edição de 6/edition of 6 -- 225 x 180 cm



album: summer, 2014 -- c-print digital/digital c-print -- edição de 6/edition of 6 -- 180 x 180 cm



album: sonora, 2014 -- c-print digital/digital c-print -- edição de 6/edition of 6 -- 100 x 150 cm

## album, postcard and sampler

raul mourão

*There's a great cheese shop on First Avenue I go to quite often, enough to notice that the person standing behind the counter never puts a piece of cheese on display without slicing off one eighth first. When I asked why he did it, he replied abruptly, "It's obvious... If I don't, it doesn't look like cheese."*

Vik Muniz (Excerpt from the text "Surface Tension", originally published in Parkett, #46, 1996)

Visit to the Brooklyn studio – In the hall leading into the studio, the rear end of the *Mona Lisa* picture lies in a corner; beside it, there is a small photo of Muniz standing by himself in the Louvre, holding Leonardo da Vinci's original. Atop a white pedestal rests another *Mona Lisa*; the piece, by the Italian artist Fabio Viale, is titled *Souvenir Gioconda*, a sculpture that looks like it's made of small polystyrene balls, but was actually sculpted out of a single slab of marble. I peruse the books on the huge bookshelf and pick out the ones about Muniz's work. In the minuscule *Natura Pictrix - Interviews and Essays on Photography*, I discover the text "Mirrors; Or, How to steal a masterpiece," which has Muniz describing an endless line of people with cameras propped against their faces, taking pictures of Leonardo's *Mona Lisa*. "Like an eye exam, each photograph will be an assessment of the photographer-object relationship. Hundreds

of thousands of photos are taken here each year, and the object actually smiles differently in each of them. Because of the reflection on the glass casing, it's impossible to take a photo of *Mona Lisa* without taking a photo of oneself. This impossibility ultimately creates the most bizarre form of self-portrait."

Erika opens the door to the studio and I find myself facing piles of photos scattered on the floor and on the tables. They are thousands of family album pictures and postcards Muniz has purchased in online auctions over the past few years. A smiling baby, the school, the classroom, a child in short trousers, first communion, the camp, the teenage girlfriend, the house, the brand new car, a woman sitting on a canon, another woman admiring the view, a fisherman wielding a rod and a fish. For a moment, all families seem the same to me. Every album looks like the next one. Those

people's lives moved slowly.

I think about communication between men through images, and about the ideas of Décio Pignatari. About the demise of the paper photo, about the dematerialization of image and sound. My CD collection that gets no play anymore, vinyl stores disappearing off the face of the earth, the vinyl revival, Zero Freitas' collection and his obsession. Bookstores going out of business, the end of books, of newspapers, of magazines. The social media. Today, everything is digital information all the time. Everything will disappear. Objects/ things already speak to one another. Life moves fast.

Muniz goes online on Skype and we launch into a conversation. The photos were on their way to the trash, and now each will be scanned and catalogued in a databank as per their characteristics and origin. Afterwards, pieces of photos get pasted onto a small sheet of paper like a mosaic, reconstructing images that were headed for oblivion. It's a manual job; Muniz spends almost 30 days creating each image, patiently arranging color fields. The 11 large photos featured in the show hang from the studio walls. The pictures are at once rough and sweet, attractive and aggressive. "The collage is not done impeccably; a Brazilian hand hovers in the background, the Chinese would surely do it better," says Muniz. The girl from the school band, the tram, the man on the camel, the Coliseum, the couple hugging, two giraffes, the new bicycle, the fisherman, the woman on the desert, the Statue of Liberty, the beach. Everything is loaded with affection. The album and the postcard. Two moments in the history of photography where images burst into people's lives bluntly. On an album, the family used to organize its history, to document its moments, to deposit its feelings. On a postcard we would communicate our displacement through space (I've arrived), the conquest of a territory (I'm here) and also our feelings (I miss you).

Muniz's work emerged in tandem with the spread of the sampler in pop, in electronic music and in hip hop of the 80s/90s. The sampler is an electronic recorder that stores pieces of audio to be replayed and/or reprocessed, creating new and complex melodies, rhythmic patterns or effects. I return home listening to *Paul's Boutique* by the Beastie Boys, *3 Feet High and Rising* by De La Soul and *Endtroducing* by Dj Shadow (the first album made entirely from bits of other songs). Images and sounds invade my head. The photos from Muniz's album are broken, made from small parts. Fragments of information vibrating on the surface. A digital patchwork. A play of cut and paste where image is read in parts and as whole. Cut

and paste.

I muse on the sheet and the forest. On the direct connection between Muniz's work and Warhol's Pop. There's no anthropophagy to Muniz's sampler; he seeks his peers in the archive of culture, captures and generates a new element in the hoarding of the things of the world. I remember my last meeting with my eye doctor, when he explained that "it's the brain that sees; the eye receives the light that turns into an electrical impulse that gets carried to the brain by the optic nerve, and there it becomes image." By recreating images we are hugely familiar with, Muniz hurls us into those images. Now I am a piece too. A small piece. We're all the same and different.

Raul Mourão, September 2014



postcards from nowhere: lion country safari, west palm beach, florida, 2014 -- c-print  
digital/digital c-print -- edição de 6/edition of 6 -- 272 x 180 cm

		album
vik	muniz	

texto/text  
**raul mourão**

tradutor/english version  
**gabriel blum**

revisão/proofreading  
**márcia macêdo**

realização/produced by  
**galeria nara roesler**

**galeria nara roesler**  
**rio de janeiro**

rua redentor 241  
 ípanema 22421-030

**abertura/opening**

09.09.2014  
 18 > 21h

**exposição/exhibition**

10.09 > 11.10.2014  
 seg/mon > sex/fri 10 > 19h  
 sáb/sat 11 > 15h



(capa/cover) **album: staten island ferry, 2014**  
 -- c-print digital/digital c-print -- edição de 6/  
 edition of 6 -- 145 x 100 cm

galeria	nara roesler
	são paulo rio de janeiro info@nararoesler.com.br www.nararoesler.com.br